



5012 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT12 - Currículo

Perspectivas curriculares do ensino de música: trajetória de formação nos/dos/com os cotidianos escolares dos estudantes da periferia do Rio de Janeiro

Eduardo Prestes Massena - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

Espaço escolar e os conhecimentos em redes

Recentemente, um coletivo organizado por estudantes trouxe para nossa escola a prática do slam, espécie de batalha de poesia falada, na qual os poetas realizam uma disputa na tentativa de sensibilizar o público e se tornar o vencedor do evento. Segundo uma das convidadas, o slam foi um termo criado nos Estados Unidos da América cujo sentido tem a ver com o som de uma porta ou janela ao bater. As temáticas utilizadas pelos poetas abordam o racismo, o machismo, as drogas e as dificuldades encontradas pelos moradores das periferias das grandes cidades. Percebo na prática do slam uma potência criativa que traz nas vozes dos poetas, saberes ainda marginalizados e pouco estudados nos meios acadêmicos ou pelos professores que atuam nas escolas de ensino fundamental. Entendo que a riqueza das temáticas apresentadas pelos poetas/batalhadores do slam habitam o outro lado das linhas abissais

que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo deste lado da linha e o universo do outro lado da linha. A divisão é tal que o outro lado da linha desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível (SANTOS, 2010, p.32).

São os conhecimentos "abissalizados" pelo poder hegemônico, que têm por prática validar o que está escrito em detrimento do oral (CERTEAU, 2012), que os poetas participantes do slam nos oferecem em suas performances. Quando a composição de uma canção torna-se o eixo condutor do curso que pretende discutir os diversos elementos que permeiam os cotidianos estudantis, o currículo prescrito se desmancha, professor e estudantes tornam-se autores dos próprios currículos, enredando as ideias e práticas que desaguam naquele espaço (da sala de aula), praticando o que Pinar (SUSSEKIND, 2014) irá chamar de uma "conversa complicada". Da mesma forma que os poetas do slam nos alertam por meio de suas frases e rimas sobre a existência de outras realidades, sufocadas por uma força dominante, nos resta olhar para o espaço escolar e minimamente duvidar dos saberes estabelecidos e das forças que os mantêm nesse espaço privilegiado do "saber".

Como pensar então esse emaranhado de fios que são tecidos diariamente no espaço escolar? Oliveira (2012) nos ensina que

Segundo a noção de tessitura dos conhecimentos em redes, estes se tecem em redes constituídas de todas as experiências individuais e coletivas que vivemos, de todos os modos como nos inserimos na dinâmica constitutiva do mundo à nossa volta, não tendo, portanto, origem nem desenvolvimento localizáveis, prioridades hierárquicas, previsibilidade ou obrigatoriedade de rota (OLIVEIRA, 2012, p. 68).

Portanto, pensar a partir da tessitura dos conhecimentos em rede me parece uma possibilidade mais democrática em busca da inclusão de outros saberes que se apresentam nos espaços escolares. Optar por enxergar este emaranhado de fios é uma opção política no sentido de não silenciar as vozes sufocadas pela hierarquia estabelecida entre os "conhecimentos" nos espaços escolares.

Música e currículo

Por diversas vezes durante nossas trajetórias profissionais esbarramos em discussões sobre o uso do currículo como uma lista de conteúdos. A essa noção de lista de conteúdos chamaremos de currículo prescrito, ou seja, um documento que supõe a priori, o que será trabalhado durante um determinado período, organizado de forma sequencial e supondo uma ordem linear de "aprendizagens". A outra noção de currículo que pretendemos trabalhar é a de "currículos praticados" (OLIVEIRA, 2012), sempre no plural entendendo que não existe apenas um currículo mas vários currículos que são criados quando começamos a trabalhar com a possibilidade de professores e estudantes serem autores dos caminhos percorridos na tessitura dos conhecimentos trançados nos cotidianos escolares. Assim como Oliveira (2012),

Parto da ideia de que ao compreendermos os currículos como criação cotidiana dos "praticantes pensantes" das escolas, produzidas por meio dos usos singulares que fazem das normas e regras que lhes são dadas para consumo, num diálogo permanente entre essas diferentes instâncias, podemos supor que as redes de conhecimentos por eles tecidas dão origem a algumas práticas curriculares emancipatórias e são, também, fruto dos diversos modos de sua inserção social no mundo, inclusive no campo do embate político e ideológico que habita a sociedade e, portanto, as escolas e as políticas curriculares (OLIVEIRA, 2012, p.12).

Ao utilizar a ideia dos "currículos praticados", observa-se que o diálogo, as conversas e a tessitura das redes que constituem os saberes existentes nas salas de aula são fundamentais para que ali se estabeleça as relações de aprendizagem entre estudantes e professor. Nesse movimento, é possível perceber as vozes dos slams invadirem nossas salas de aula utilizando as brechas para expressarem seus versos, transformando poesia em rap, gênero musical muito escutado por eles dentro e fora dos espaços escolares. As criações não se restringem somente ao rap, circulam pelo rock, por baladas românticas e também por gêneros da música popular brasileira como samba e xote.

Porém, não se pode negar que o currículo prescrito ocupe um lugar de poder na estrutura regimental estabelecida na instituição, fazendo com que o diálogo entre o currículo prescrito e o praticado seja tema recorrente nas discussões da equipe de professores música. Embora os professores possam participar da elaboração dos currículos prescritos, uma série de regras quanto ao formato da escrita, temporalidade e linearidade dos conteúdos mantenham as possibilidades de mudanças restritas a pequenos movimentos. Por outro lado, os movimentos dos estudantes e professores nas criações curriculares cotidianas, partilham de uma lógica temporal muito mais intensa e ágil do que aquela mantida pela instituição

na reformulação dos seus currículos prescritos.

Emancipação e autoria nos cotidianos escolares

É possível padronizar nossas aulas? É possível antecipar as dúvidas e as questões que serão postas indagadas pelos estudantes no decorrer das aulas? Essas são questões fundamentais para pensar o distanciamento entre currículo prescrito e o praticado. Deleuze (1995) vai se opor a ideia da forma “arbórea” cuja raiz, tronco, folhas e frutos impoariam uma linearidade necessária ao processo de aprendizagem. O autor vai utilizar a ideia de rizoma, uma forma com múltiplas entradas e saídas sem um início específico nem um fim pré-determinado para pensar possibilidades mais complexas de interação. Assim, quando JV traz para nossa aula a poesia que falou no slam e tenta transforma-la em rap, traz também seu ritmo corporal, o movimento das mãos e das pernas e reforça com isso, o sentido de suas palavras. JV é um menino negro que segundo suas próprias palavras, mora no limite entre asfalto e favela e seus versos carregam também os sentidos de sua trajetória de vida:

Eu não vim para te matar, muito menos para ofender

Eu vim pra te mudar e é isso que eu vou fazer

Se quiser ver um filme real life de graça

Tem 50 tons de cinza lá na minha calçada

Para além dos elementos musicais como o andamento, a acentuação rítmica e a métrica entre as sílabas, JV traz em sua composição questões sociais como o racismo e a violência. As temáticas desaguam em nossa aula como uma enxurrada de sentidos que impulsionam debates para além da música.

Cada estudante presente na sala de aula, possui um “mundo” de práticas e conhecimentos que se enredam com os temas estudados e com as discussões propostas. Nesse sentido Azevedo nos ensina que

A rede está ligada ao paradigma da complexidade; é uma das inúmeras possibilidades de se lidar com a questão da complexidade. É parte de um movimento que vem se constituindo na “contra-mão” de um paradigma simplificador, que é o paradigma hegemônico (AZEVEDO, 2008, p.70)

Para a autora a metáfora das redes nos propõe uma outra forma de olhar as relações entre os conhecimentos e o próprio tempo. Para ela

Pensar em rede é o apelo que parecem nos fazer diferentes pensadores de diferentes campos do saber para que possamos organizar uma aproximação não mais linear da realidade, uma aproximação não dogmática da qual se diga “essa é a realidade”, mas da qual se possa dizer “assim a realidade nos parece”, restabelecendo a unidade sujeito/objeto, na medida em que é o sujeito que nomeia o objeto e, ao nomeá-lo, empresta-lhe um significado e não outro qualquer, restabelecendo a compreensão dialética todo/parte (AZEVEDO, 2008, p. 74).

Entendendo que a relação estabelecida se enreda não só com o que está prescrito no currículo mas, também com os conhecimentos trazidos para dentro do espaço da sala de aula pelos estudantes e professor, a porta aberta pelo mote da criação curricular deixa entrar livremente pelas aulas de música outras discussões com os mais diversos temas: racismo, desigualdade social, machismo, amores não correspondidos, agressão à mulher entre outros. Desta forma, acabam também por apontar outras necessidades de caminhos que cada sujeito vai buscar em outras redes. Esse desdobrar quase permanente de busca, transforma o lugar de aula num espaço plural de dissonância e de respeito às diferenças.

Portanto, o currículo prescrito nos parece limitado a apontar possibilidades curriculares e a sugerir caminhos possíveis para o ensino de música. Esse documento, jamais dará conta de restringir o que acontece nas salas de aula nem de apontar com exatidão o que foi aprendido a partir de uma determinada prática realizada por um grupo de estudantes e seus professores.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Joanir G. A tessitura do conhecimento em redes. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (orgs). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A: 2008.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. *O currículo como criação cotidiana*. Rio de Janeiro: DP&A, 2012.

SANTOS, Boaventura de S (org). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2011.

SÛSSEKIND, M. L.; PINAR, W. F. *Quem é William F. Pinar?* Petrópolis: de Petrus Et Alli, 2014.